

## 8. CONCLUSÃO

A importância da História Eclesiástica de Eusébio de Cesaréia é incalculável. Através de sua obra foram conservados muitos fragmentos dos autores da igreja primitiva, os quais, hoje, sem esse trabalho, seriam totalmente desconhecidos. Além disso, a sua influência no desenvolvimento da historiografia eclesial deve-se ao fato de que Eusébio desenhou, no segundo livro de sua obra, idéias e conceitos que teriam conservado a validade no decorrer dos tempos.

Pe. Vicente de Paulo Moreira é Mestre em Teologia e Ciências Patrísticas pela Pontifícia Universidade Lateranense, Roma e professor na Faculdade de Teologia do Centro Universitário Assunção, São Paulo.

## A ESPIRITUALIDADE COMO EXPERIÊNCIA DO CORPO

*(Contribuição para a busca de uma espiritualidade do cristão, da cristã, no estado de vida leigo)*

*Ceci M. C. Baptista Mariani*

### I. INTRODUZINDO A QUESTÃO

“A vida segundo o Espírito, cujo fruto é a santificação (Rm 6,22; cf. Gl 5,22), suscita e exige de todos e de cada um dos batizados o seguimento e imitação de Jesus Cristo, no acolhimento das bem-aventuranças, na escuta e meditação da Palavra de Deus, na consciente e ativa participação da vida litúrgica e sacramental da Igreja, na oração individual, familiar e comunitária, na fome e sede de justiça, na prática do mandamento do amor em todas as circunstâncias da vida e no serviço aos irmãos, sobretudo aos pequeninos, os pobres e os doentes”<sup>1</sup>.

Esses elementos, entendidos como esforço de manter vivos o ÂNIMO, a MÍSTICA, isto é, a força que sustenta a missão enquanto compromisso com o Reino de Deus, revelado por Jesus Cristo, estão vinculados à maneira como se vivencia e se compreende as relações fundamentais com Deus, com o outro e com o mundo.

A espiritualidade é um conjunto de práticas que se expressam segundo a experiência histórica, e em cada momento se determina por uma concepção de ser humano, uma ANTROPOLOGIA; por uma noção de revelação, uma TEOLOGIA; por uma compreensão de Igreja, uma ECLESIOLOGIA; e uma compreensão de mundo, uma COSMOLOGIA.

O Concílio, quando resgata o valor das realidades terrestres e a unidade entre fé e vida, abre caminho para uma antropologia em superação ao dualismo, em prol de uma visão de homem integrada, unitária; de uma concepção de

<sup>1</sup>JOÃO PAULO II, *Exortação Apostólica Christifideles Laici*, p.40.

revelação em que Deus se revela na história; de uma eclesiologia que entende a Igreja como Corpo de Cristo mas especialmente como Povo de Deus.

Este contexto coloca a exigência de uma espiritualidade própria para o cristão, que assume a missão de viver o Projeto de Deus mergulhado na realidade secular. Uma espiritualidade encarnada, alimentadora de uma mística, força para viver o dia-a-dia, rotina relacionada com as necessidades e desejos do corpo.

A atenção às experiências do corpo na história e em liberdade, pode ser importante nesta tarefa de reinventar uma espiritualidade que esteja voltada para a percepção da revelação no cotidiano da história, oração na ação, isto é, desde a ação e para a ação. Espiritualidade que não seja construída sobre o desprezo da corporeidade, ao contrário, que, voltada para o corpo, o recolha do cansaço da rotina diária e o faça aberto, disposto para perceber a presença de Deus na vida corrida do trabalho, da dívida, da condução, da família, do sexo, da escola, da política... E então, fortalecido, fortalecida, o cristão, a cristã, podem intervir neste mundo. Fazer haver melhores condições para viver em comunhão e para poder participar de forma criativa dos partidos políticos, sindicatos, associações, movimentos sociais e populares, de todas as organizações que combatam a injustiça e a opressão social e dos processos de planejamento, decisão e avaliação da Ação Pastoral da Igreja<sup>2</sup>, tendo como referência fundamentada opção de Jesus pelos pobres e excluídos.

## II. ESPÍRITO NÃO SE OPÕE A CORPO, OPÕE-SE A MORTE

**Viver segundo o Espírito é viver segundo a dinâmica da vida,** afirma Leonardo Boff. "Espírito é o nome para dizer a energia e a vitalidade de todas as manifestações humanas"<sup>3</sup>. A grande oposição que marca a experiência humana não se dá entre corpo e espírito, mas entre vida e morte.

<sup>2</sup> Cf. Carta de Princípios aprovada na X Assembléia Anual Ordinária do CNL, novembro/91.

<sup>3</sup> BOFF, L. *Ecologia, Mundialização, Espiritualidade*. p. 165.

**Viver segundo o Espírito é ter compromisso com a promoção da vida em todos os sentidos, a começar pelo mais fundamental, da vida do corpo que tem fome.**

Jesus, quando reza, pede para todos, ao pai, "o pão nosso de cada dia"<sup>4</sup>. Preocupa-se com a fome da multidão que o segue, multiplica o pão, ensina a partilha<sup>5</sup>:

Contam os evangelhos que Jesus, quando soube da morte de João Batista, retirou-se para um lugar deserto. Quem sabe queria rezar, entender com o coração o que tinha acontecido e pensar sobre o significado disso para a sua própria vida.

A multidão, no entanto, não o deixou só. Lucas conta que o povo foi atrás dele e ele, acolhendo a multidão, falou do Reino de Deus.

Ficou tarde, o grupo dos Doze percebeu que a multidão estava faminta e foram propor a Jesus que despedisse o pessoal para que cada um providenciasse a própria comida.

Foi então que Jesus fez um sinal. Convidou os apóstolos a oferecerem aquilo que eles tinham para alimentar a multidão. Eles estranharam... como poderiam cinco pães e dois peixes alimentar tanta gente? No entanto, concordaram.

O fato mais surpreendente, diz o Evangelho, é que a comida deu para todos e sobrou.

A partilha proporcionou a experiência da fartura. O milagre da multiplicação dos pães é afirmação de Jesus de que para participar do reino de Deus é preciso viver a solidariedade.

Ora, esse milagre faz lembrar os lanches comunitários que as comunidades sempre fazem. Cada um oferece um pratinho e juntando tudo, é aquela fartura! Todo mundo come e até leva para casa. É certo que o maior milagre de Jesus não foi dar de comer, foi o de ter convidado os apóstolos a partilhar aquilo que eles tinham reservado para si. O Evangelho não fala, mas a gente

<sup>4</sup> Lc 11, 1-4

<sup>5</sup> Lc 9, 12-17

pode imaginar que o povo, ao ver a oferta dos apóstolos, ficou comovido, e quem tinha algo pôs-se também a partilhar. Isso é milagre!

Durante a última ceia, o pão que mata a fome torna-se memorial, compromisso, presença. Nesse relato, Jesus, não só abençoa e partilha, mas converte-se em pão, e oferece-se como alimento, força para aqueles que aceitam o seguimento, e se engajam na luta pela vida contra as forças de morte<sup>6</sup>.

Depois de Morto e ressuscitado pelo Pai, Jesus é reconhecido pelos amigos, a caminho de Emaús, na fração do pão<sup>7</sup>.

**Viver segundo o espírito** é ter os olhos abertos e o coração solidário, para a vida que tem fome, que tem sede, que tem frio, que é estrangeira em terra estranha, que está doente, que está presa... No fim dos tempos, os abençoados do pai serão aqueles que deram de comer, de beber, vestiram e acolheram em sua casa o menor dos irmãos<sup>8</sup>. **As coisas do espírito são as coisas do corpo.**

### III. O CORPO E ESPÍRITO: O DUALISMO PRESENTE NA REFLEXÃO TEOLÓGICA E O ESFORÇO DE SUPERAÇÃO

A experiência de divisão presente na vida humana resultou numa concepção antropológica dualista no cerne do pensamento ocidental, tradição dentro da qual nos inscrevemos.

Da tradição platônica, herdamos uma visão de homem cindido: o corpo, nossa realidade material, imanente, limitada, e o espírito, concebido como universal, transcendente e divino. Essa divisão vem de encontro a uma concepção de realidade também dividida entre mundo das idéias e mundo das coisas. O primeiro lugar da verdade, onde se pode ter a visão do que é eterno, imutável, divino. O segundo é o mundo do sensível, do mutável, do temporal que se opõe ao lugar da verdade, é portanto, o lugar da ilusão.

<sup>6</sup> Mt 26,26

<sup>7</sup> Lc 24, 13-35

<sup>8</sup> Mt 25, 31-40

A vida humana, dentro desse universo de explicação, consiste na busca desta realidade divina, eterna, imutável, ideal, busca que implica no abandono do mundo das sombras, mundo do sensível, da realidade material, do engano.

Na perspectiva platônica, cuja influência foi das mais fortes para a concepção antropológica clássica, o homem é por um lado alma, naturalmente imortal, congênito do mundo das idéias e permanentemente voltado para esse mundo pela "reminiscência e pelo imperativo da "purificação". O movimento da alma é dominado por "logos". Por outro lado, dentro da concepção platônica, o homem também é "soma", corpo, pulsão amorosa. Porém, essa força aparece como um outro pólo, em oposição ao "logos". Para Platão, é constitutivo do ser humano a polaridade entre a vida da "alma" e sua condição terrena. Daí se deriva o dualismo com que a teoria platônica marcou o pensamento ocidental (se bem que a crítica moderna tem feito esforços para corrigir uma leitura acentuadamente dualista do pensamento platônico)<sup>9</sup>.

No entanto, sua concepção antropológica supõe também certa unidade quando prevê que a oposição encontra o momento de síntese pela visão da transcendência que ordena o ser do homem: a realidade das Idéias.

Marcando o estágio final da concepção clássica de homem e representando também forte influência na concepção antropológica, forjada no seio do cristianismo, está a antropologia neoplatônica.

Dominante nos séculos III a VI d.C., propõe uma visão renovada do dualismo psyché-sôma. O dualismo característico da antropologia neoplatônica

<sup>9</sup> Henrique C.L.VAZ, SJ, em *Antropologia Filosófica I*. Este autor afirma que na antropologia platônica, logos e eros se integram pela visão da transcendência que é Idéia (Razão), a pulsão amorosa se compraz na contemplação da Idéia do Bem e do Belo. «É a razão que arrasta na subida para o inteligível, diz ele em outro texto, e que encontra na submissão do homem todo ao Belo e ao Bem finalmente conhecidos, finalmente amados, a recompensa dos seus longos trabalhos e como a glória do seu triunfo. «Cf. *Amor e conhecimento*, p.241. Neste sentido, o que dá unidade à experiência humana tensa entre a ação de eros e logos é a visão do transcendente que é Razão, Idéia e a aproximação da transcendência é possível porque a alma é consubstancial à transcendência, é também Idéia (Razão). Daí se pode dizer «O homem é um ser racional». Mesmo que contemplada a pulsão amorosa, a força de eros, o que determina o ser humano do ponto de vista clássico é o ser racional.

não é como o dualismo gnóstico que ao opor a alma ao corpo, propõe o desprezo pelo último. O dualismo de Plotino (um dos filósofos mais expressivos dessa época), é dualismo finalista que concebe de um lado a alma voltada para o inteligível, que é o homem interior e verdadeiro e de outro, a mesma alma voltada para o corpo que representa a condição inferior do homem<sup>10</sup>.

Para Plotino, a atividade humana por excelência é a atividade contemplativa (*theoria*). “O neoplatonismo - afirma Henrique C.L.Vaz - vai, assim, dar forma definitiva a uma concepção dual da estrutura ontológica do homem que se tornará uma das referências fundamentais do pensamento antropológico no Ocidente: dualismo *subjetivo*, alma sensível-alma inteligível, ao qual corresponde o dualismo *objetivo*, sensível-inteligível ou tempo-eternidade<sup>11</sup>.

Domina o período medieval (séc. VI-XV) a concepção de homem que toma forma junto à experiência cristã. Elaborada a partir da tradição bíblica, porém segundo instrumentos conceituais provenientes da filosofia grega. Daí se explica que ao longo da história, uma concepção que supunha a unidade radical do ser humano tenha cedido lugar a uma concepção dualista.

Na concepção bíblica de homem, afirma ainda Henrique C.L.Vaz, a unidade é uma unidade de vocação. O ser humano é chamado a trilhar um itinerário salvífico, oferta de Deus que espera uma resposta humana. A Bíblia não fala de “naturezas”, mas de “situações existenciais”, vida humana em permanente confronto com a iniciativa salvífica de Deus e com sua Palavra<sup>12</sup>. Para a tradição bíblica, o homem é “carne” porque experimenta a fragilidade, “alma” porque pode sentir a fragilidade compensada pelo vigor da vitalidade, é “espírito” porque está em relação com Deus e é também coração, interior profundo, lugar dos afetos e das paixões. Esses termos não representam, todavia, componentes do ser, mas dimensões que se destacam na experiência histórica. Neste sentido, a perspectiva Bíblica, diferente da grega, acentua, no que diz respeito à concepção de homem, o caráter histórico e não o caráter ontológico.

<sup>10</sup> VAZ, Henrique C. L. *Antropologia Filosófica I*. p.48-49.

<sup>11</sup> *Ibidem*, p. 49.

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 60 e 61.

Contudo, o platonismo, marca o pensamento cristão. Mesmo reagindo ao dualismo mais radical<sup>13</sup>, especialmente gnóstico<sup>14</sup>. Os primeiros padres responsáveis pela organização teórica da experiência cristã, não escaparam à influência grega. Santo Agostinho vai organizar sua teologia fazendo uma transposição da tradição platônica para dentro dos temas fundamentais da tradição bíblica e da tradição patrística anterior.

Para Santo Agostinho, a busca de Deus é também busca do “Imutável”, do eterno, da Verdade absoluta, que se deve preferir àquilo que é mutável. Verdade que está acima da própria inteligência, ela mesma sujeita a mudanças<sup>15</sup>. Esta busca não implica num desprezo ao que é mutável, à maneira dos gnósticos, mas numa espécie de caminho ascendente que se percorre. Assim, Santo Agostinho descreve como vislumbrou o imutável: “Deste modo, dos corpos subia pouco a pouco à alma que se sente por meio do corpo, e de lá sua força interior a qual os sentidos comunicam o que é exterior - e de novo, dali à potência raciocinante. A esta pertence ajuizar acerca das impressões recebidas pelos sentidos corporais. Mas essa potência descobrindo-se também mudável em mim, levantou-se até a sua própria inteligência, afastou o pensamento das suas cogitações habituais, desembaraçando-se das turbas contraditórias dos fantasmas, para descortinar qual fosse luz que a esclarecia, quando proclamava sem a menor sombra de dúvida, que o imutável devia preferir-se ao mudável”<sup>16</sup>. É de notar, todavia, o dualismo presente no pensamento de Santo Agostinho que compreende a busca de Deus como busca da verdade incorpórea, não em detrimento do corpo, mas como esforço de superação. O

<sup>13</sup> A antropologia patrística tem seu centro no mistério da encarnação, fato que põe certa dificuldade em relação ao instrumental conceitual dualista. (cf. Vaz, *Antropologia Filosófica I*, p.62).

<sup>14</sup> A gnose, doutrina dualista que tem raízes na tradição religiosa hindu e no cosmos irânico-persa, teve grande penetração nos ambientes helênicos. O gnosticismo nutre grande desprezo pela matéria e pela corporeidade. Crê na preexistência da alma e prega que a queda é o castigo de viver preso a um corpo. Para os gnósticos, a salvação acontece mediante conhecimento da origem e do caráter celeste do homem. Salvação é ascese, corresponde a um esforço de conhecimento.

<sup>15</sup> AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. VII, 17.

<sup>16</sup> *Ibidem*, VII, 17.

corpo não é um mal, já que criado por Deus, mas é um elemento em superação no processo de encontro com a verdade absoluta. A corporeidade não é negada, mas como no platonismo, integrada, ou melhor, possuída, ordenada pela "potência raciocinante". De fato, o encontro com Deus é entendido como uma ascese que não despreza o corpo, mas procura subordiná-lo à inteligência.

Santo Tomás, outro autor de fundamental importância para o pensamento cristão no ocidente, procura também estabelecer o encontro entre a proposta cristã e a concepção clássica de homem. Diante do problema da unidade do homem, constrói sua antropologia, orientada segundo uma síntese entre a concepção clássica do homem como animal racional (Aristóteles), a concepção neoplatônica do homem como ser fronteiro entre o espiritual e o corporal e a concepção bíblica do homem, como criatura, imagem e semelhança de Deus<sup>17</sup>. Para Santo Tomás, a alma é a única forma da "matéria-prima". Para ele, nem matéria, nem forma, separadas, são "entes"<sup>18</sup>. No entanto, a natureza racional da alma é que marca a especificidade do ser humano, que faz do homem um ser de fronteira entre o material e o espiritual. A síntese de Santo Tomás resolve o problema do dualismo acentuando a dimensão racional.

Pensada a partir do referencial clássico, a pessoa humana é em si mesma substância ou subsistência (como afirma Santo Tomás) individual que, por sua natureza espiritual (racional), está aberta a um horizonte ilimitado. Esta referência não considera o caráter histórico, da experiência humana. Supõe uma existência em si e para si e traz como consequência o problema do dualismo, que acaba sendo enfrentado de maneira racionalista.

Foi o personalismo, já no século XX, que introduziu uma concepção mais dinâmica. Segundo eles, a pessoa humana não é só substância ou subsistência, mas é também "ser-acontecimento"<sup>19</sup>. Torna-se pessoa na relação. O advento da personalidade acontece em contínuo processo e atualidade, comunhão, comunicação de pan-racionalidade<sup>20</sup>.

<sup>17</sup> VAZ, Lima. *Antropologia Filosófica I*. p. 69.

<sup>18</sup> RUBIO, Garcia. *Unidade na Pluralidade*. p. 273.

<sup>19</sup> BOFF, Leonardo. *O destino do homem no mundo*. p.56.

<sup>20</sup> *Ibidem*, p.56.

A teologia propõe, então, uma síntese que considera os elementos da tradição clássica e a novidade proposta pelo personalismo moderno. Para ela, duas são as dimensões fundamentais que compõem a unidade da pessoa humana: a dimensão da IMANÊNCIA, que reúne a experiência da auto-possessão, da liberdade e responsabilidade e da perseidade (a pessoa é fim em si mesma e não instrumento); e a dimensão da TRANSCENDÊNCIA, capacidade de sair de si mesma e abrir-se para o mundo, para os outros e para Deus.

Isso significa que, ser pessoa é ser capaz de estabelecer um diálogo com Deus; ter vida própria, livre e responsável, mas em relação com os outros e com Deus (a dimensão comunitária é constitutiva da pessoa)<sup>21</sup>.

Esta nova síntese significa uma mudança de perspectiva, uma vez que desloca a reflexão que se concentrou na polaridade corpo-alma, ou emoção-razão, para o eixo imanência-transcendência. Dentro desse referencial teórico, o ser humano não pode ser concebido como consciência que se afirma, em detrimento ou em desconsideração à experiência histórica, material. Não é possível perceber o ser humano em relação fora da história. Os temas personalistas atentam para a necessidade de pensar o ser humano em íntima relação com os outros e por isso abrem caminho para uma reflexão sobre "a relação mútua entre pessoa e comunidade, mostrando como a pessoa existe somente em correlação com outras pessoas"<sup>22</sup>. Nesta perspectiva, a superação do dualismo é também superação do individualismo, porque ser pessoa implica na necessidade de desenvolver a experiência comunitária, experiência que não cria obstáculos para o amadurecimento da identidade pessoal, ao contrário, o estimula e o promove<sup>23</sup>. Para a teologia, essa maneira de entender o ser, traz como consequência uma maior sensibilidade para a dimensão político-social da vida humana e também para a necessidade de refletir e recuperar o valor do corpo na experiência de fé.

<sup>21</sup> RUBIO, Afonso Garcia. *Unidade na Pluralidade*. p.246-256.

<sup>22</sup> COMBLIN, José. *Antropologia Cristã*. p.70.

<sup>23</sup> RUBIO, Afonso Garcia. *Unidade na Pluralidade*. p.254.

#### IV. OS TEÓLOGOS DA LIBERTAÇÃO E A SUPERAÇÃO DO DUALISMO

Para os teólogos da libertação, a questão da superação do dualismo está intimamente ligada ao compromisso social. A reação a uma compreensão antropológica dualista implica na exigência de uma posição política. O conceito de pessoa, ser-relação, quando encarnado no contexto latino-americano, depara-se com a contradição social e pede que se tome partido, sob pena de tornar-se um conjunto de conjecturas abstratas, usadas para enriquecer e adornar o discurso das elites. O desafio latino-americano é reconhecer o marginalizado como pessoa e, conseqüentemente, tomar posição ao lado dos empobrecidos. A teologia da libertação afirma que o dominado é pessoa humana, por isso deve ter seus direitos respeitados, mais do que isso, deve ter resgatada a dignidade do seu corpo em sofrimento.

Na realidade latino-americana, busca-se superar a polaridade corpo x alma, não por causa de uma exigência teórica, e sim, por causa da visão do corpo sofrido, maltratado. O corpo sofre porque está dominado por estruturas instituídas sobre a exploração do homem pelo homem.

A história da América Latina é a história de corpos maltratados. Corpos de índios massacrados e de negros escravizados. História amparada por uma antropologia de característica segregadora ("o homem europeu é perfeito e o homem nativo é imperfeito"), dominadora ("o homem europeu deve introduzir seus costumes entre os nativos e negros"), dualista (salvar a alma mesmo que em prejuízo do corpo), ideológica (oculta o verdadeiro interesse que é o da dominação e exploração econômica)<sup>24</sup>. Realidade que ainda hoje enfrenta a contradição da existência, por um lado, de uma minoria privilegiada e de outro, de um grande contingente de pessoas vivendo em situação de extrema pobreza. Massas humanas colocadas à margem, desempregados ou subempregados, vivendo em habitações precárias nas grandes periferias dos grandes centros urbanos, camponeses sem terra, vivendo uma trágica relação de dependência, crianças e jovens desorientados, marcados pelo vício e pela violência, negros

<sup>24</sup> VV.AA. *Somos Gente Nova - Antropologia Teológica*. p.16.

e índios vivendo em situação desumana. Segundo o documento de Puebla, os países latino-americanos vivem em situação de permanente violação dos direitos humanos, não se respeitam nem ao menos os direitos fundamentais de vida, saúde, educação, moradia, trabalho...<sup>25</sup>.

Para o contexto latino-americano, a superação de uma antropologia que acentua o valor do espírito, em detrimento do corpo, como se fossem duas realidades passíveis de separação, é questão de vida ou morte. Uma concepção antropológica dualista comportada chega a avalizar a relação de dominação. A teologia penetrada pelo dualismo foi condescendente com a tortura praticada pela Inquisição, com a escravatura e com a redução dos índios à condição de servos. Isso foi possível, afirma Comblin, porque para essa teologia, "(...)Torturar o corpo, tirar a liberdade do corpo podia justificar-se porque o corpo ficava de certo modo exterior à pessoa humana, como o seu instrumento"<sup>26</sup>.

Enrique Dussel, em sua obra "El dualismo en la antropología de la cristandad", mostra o pensamento antropológico cristão, germinando e sistematizando-se na tensão entre dualismo grego e monismo hebraico, de forma a estabelecer uma antropologia cristã de corte dualista, que vai perpassar a história do pensamento cristão, bem como determinar suas posturas históricas, sobretudo no que diz respeito à valorização da mentalidade humana. Essa obra, junto com outras duas, constituem-se num estudo das raízes filosóficas, teológicas e históricas da antropologia cristã em geral e abrem o caminho um resgate da antropologia hebraica-bíblica, através do que chama de racionalidade libertadora latino-americana, cujo centro é a pessoa humana concreta e inteira. Neste sentido, talvez possamos ver hoje, nessas obras, uma espécie de "arqueologia"- ainda que pouco conhecida - da antropologia teológica da teologia da libertação<sup>27</sup>.

<sup>25</sup> PUEBLA, 41.

<sup>26</sup> COMBLIN, José. *Antropologia Cristã*. p.82.

<sup>27</sup> DUSSEL, Enrique. *El humanismo semita*. IDEM, *El dualismo en la antropología de la cristandad*. IDEM, *El humanismo helênico*.

Toda a sistematização de Dussel dá-se a partir do sujeito histórico concreto que são os pobres do continente latino-americano. Ele vai buscar romper com a racionalidade ocidental, eurocêntrica e dominadora, indo ao encontro do outro, historicamente negado, coloca o *outro* no centro da racionalidade inserida e libertadora. A antropologia de Dussel mantém um centro radicalmente antropológico-ético<sup>28</sup>.

Recuperar o valor do corpo na experiência humana é, para José Comblin, por exemplo, lutar contra o individualismo que gera tanta opressão: “Em lugar de fundar o individualismo, o corpo funda comunidade”<sup>29</sup>. Dentro do pensamento Bíblico, afirma esse autor, é pelo corpo que o homem está unido ao seu povo. Os laços que unem os filhos de Abraão são laços de sangue. Todos estão unidos, todos são irmãos porque nasceram de um mesmo corpo, de um mesmo pai, de um mesmo antepassado<sup>30</sup>.

O teólogo G.Rúbio também atenta para a necessidade de superar o dualismo, afirmando que corpo e alma não são partes que compõem o ser humano, mas, citando Dussel, escreve: “alma e corpo não são dois seres que se justapõem, antes devem ser considerados como duas notas ou princípios essenciais e fundamentais ‘da estrutura ontológica’ unitária que é o homem”<sup>31</sup>. Para ele, o ser humano é corpo, com capacidade de transcender-se, corpo que se expressa segundo a presença do espírito que o torna único e ao mesmo tempo aberto ao outro pelo diálogo, amor, interpelação, conflito. Corpo espiritual que se expressa, comunica-se e interfere no mundo, transformando-o e criando cultura<sup>32</sup>. Esse autor busca uma resposta à questão do dualismo, colocando a necessidade de integração das duas dimensões que, para ele, marcam a experiência humana, a dimensão corpórea e a dimensão espiritual. Dimensões que fazem parte de uma realidade única que é o ser humano e que não se relacionam por oposição-exclusão, mas por integração. Nem uma dessas

<sup>28</sup> IDEM, *Para uma ética da libertação latino-americana* Vol I, II, III e IV.

<sup>29</sup> IBIDEM, p.78.

<sup>30</sup> IBIDEM, p.77.

<sup>31</sup> RÚBIO, A. Garcia. *op. cit.*, p.283.

<sup>32</sup> IBIDEM, p. 278-283.

duas dimensões são verdadeiramente humanas se compreendidas separadamente. No entanto, corporeidade e espiritualidade continuam sendo duas experiências diferentes, a primeira abriga a experiência do condicionamento e do limite e a segunda, a tendência ao ilimitado. Daí a tese do autor: “Unidade na pluralidade”.

Portanto, a consequência dessa concepção antropológica, a partir da realidade latino-americana, é uma teologia que não despreza as exigências materiais do corpo. Não se coloca indiferente diante da visão de tantos corpos doloridos pelo empobrecimento e marginalização, impostos pela estrutura social, porque não concebe a possibilidade de crescimento espiritual sem a presença do corpo. É teologia que, dedicada à relação do homem com a transcendência, inclui o compromisso político.

R.Alves, também, dá importante contribuição neste sentido. Ao longo de sua obra, recoloca o lugar fundamental do corpo no processo de humanização. Para ele, antes de tudo, o ser humano é corpo que, mergulhado no mundo, constrói história segundo o movimento de suas emoções. As mesmas emoções que o mundo moderno considerou como impecílios ao desenvolvimento humano e que a ciência propôs neutralizar, constituem para ele, o centro do processo de humanização. Com isso, propõe uma concepção positiva do inconsciente, lugar das emoções mais profundas e usa do instrumental psicanalítico, porém, em oposição à psicanálise ortodoxa, para dizer que a manutenção da vida humana não se apoia sobre a necessidade da repressão das emoções, mas que o desabrochar da vida supõe o encontro com o desejo, emoção mais profunda.

## V. O LUGAR FUNDAMENTAL DO CORPO NO PROCESSO DE HUMANIZAÇÃO

“Não existe valor mais alto que a vida, pois a vida é sempre um fim em si mesma, e nunca um simples meio para algo além dela”<sup>33</sup>, escreve R.Alves. A vida é algo muito concreto, é todo esforço humano de permanecer vivo, luta

<sup>33</sup> ALVES, Rubem. *O Suspiro dos Oprimidos*. p.171.

do corpo para manter-se e expressar-se. Toda ação humana está relacionada com a exigência de viver do corpo. Em linguagem poética afirma:

“Deus fez-nos corpos.

Deus fez-se corpo. Encarnou-se.

Corpo: imagem de Deus.

Corpo: nosso destino, destino de Deus.

Isto é bom.

Eterna divina solidariedade com a carne humana.

Nada mais digno.

O corpo não está destinado a elevar-se a espírito.

É o Espírito que escolhe fazer-se visível, no corpo”<sup>34</sup>.

Cabe aqui destacar esse autor por que, sustentando sua meditação poética, encontram-se conceitos que merecem atenção especial, pois ajudam na compreensão de uma antropologia que recoloca a referência fundamental do corpo no processo de humanização e portanto, uma noção de revelação em superação ao dualismo e uma espiritualidade encarnada.

A experiência humana é, para ele, fundamentalmente corporal, porque antes de tudo, no início da humanidade está a emoção experimentada no corpo, do encontro com o mundo. E é a partir disso e não apesar, ou em detrimento disso que o mundo humano vai sendo tecido, contando com ferramenta de inegável importância que é a razão, a capacidade intelectual. Esta última é posterior à fundamental atitude valorativa e emotiva do corpo na relação com o mundo. Os valores que criam a necessidade e a possibilidade da razão<sup>35</sup>.

### *A corporeidade e o desafio da existência*

À diferença do animal, o homem, a mulher, não é o seu corpo, não têm as respostas ao desafios da existência, gravadas em forma de programação biológica. O ser humano, limitado, *tem o seu corpo*. Sua incapacidade instintiva

obriga-o a *buscar* soluções para a vida, que não consistem em sobreviver ou adaptar-se ao meio como acontece com o animal ou vegetal. Viver é empreender uma caminhada, onde a estrada não está dada, a estrada vai sendo traçada. É gerar mundos... O limite do corpo humano é, nesse sentido, sua capacidade de transcender as necessidades naturais e criar uma ordem para o mundo que lhe possibilite não só sobreviver, mas viver em prazer. A vida humana possui um sentido **erótico**. Sua busca é pelo pão que aquietta o estômago, mas também que promove a partilha, o encontro; pelo vinho que mata a sede e invoca a alegria, pelo sexo que é garantia da sobrevivência da espécie e experiência de prazer, pela tranqüilidade do repouso...<sup>36</sup>.

A vida humana é uma tensão *entre o que é, e o que se quer que seja*. Uma rachadura coloca o ser entre fatos e valores, entre o limite e o ilimitado, entre os olhos e a imaginação, entre o real e o possível, entre o presente e o futuro, entre “O presente século e o reino, objeto de uma súplica...”<sup>37</sup>. A marca da humanidade é, na verdade, a capacidade de querer o que não existe, **imaginar**, e por isso, ser **criatura criadora, ter poder para, geradora do novo, construir história**.

### *Imaginação e criatividade: possibilidades do corpo*

O ser humano emerge do mundo animal quando se rebela, afirma R.Alves, quando nega o mundo que existe, mundo natural e aposta na possibilidade de vir a existir um mundo diferente, mundo que venha de encontro com suas necessidade, seus desejos. Ser humano significa em primeiro lugar, estar em constante contradição e em constante luta, sofrer. O sofrimento mantém viva a condição humana de ser em movimento, resistente à domesticação. Essa insatisfação, no entanto, dispara a imaginação e faz nascer aspirações e expectativas. O ser humano passa, então, a desejar um mundo que ainda não existe, mundo imaginário. O corpo, desejando algo que não existe, mobiliza-se para criar, ou melhor, recriar o mundo, humanizá-lo, de forma que ele se harmonize com seus valores.

<sup>34</sup> Idem, *A Ressurreição do Corpo*, p.47.

<sup>35</sup> Ibidem, p.28.

<sup>36</sup> Ibidem, p.201.

<sup>37</sup> ALVES, Rubem. *Variações sobre vida e morte*. p.43.

Somos, segundo essa perspectiva, seres em movimento, a viver um processo de humanização pautado pela emoção do corpo em relação - dor na contradição e prazer no ato de criar o novo para a superação do sofrimento. E é pela imaginação que o movimento é possível.

A imaginação faz parte da lógica da vida, empurra a existência humana para o novo:

“A vida possui uma lógica em si mesma. Quando chega a certas crises nas quais a experiência passada não lhe ajuda a seguir adiante e, ao contrário, torna o processo impossível, ela deixa o passado para trás e começa de novo”<sup>38</sup>.

Olhando atentamente para a experiência humana, R.Alves mostra como é possível perceber essa lógica nas várias formas de expressão da imaginação:

#### A) Imaginação e magia

A magia é uma constante na experiência humana. Consiste na maneira que o ser humano tem de expressar os desejos e aspirações através de ações simbólicas. Em situação de contradição e de impotência, o ser humano faz-se mágico. A magia revela a verdade de uma organização social em contradição com as aspirações humanas, e ao mesmo tempo revela também a repressão que essa ordem impõe sobre a capacidade humana para a criatividade. A magia é a imaginação sem poder para agir.

#### B) Imaginação e brinquedo

O jogo e o brinquedo, assim como a magia, é elemento intrínseco à atividade humana.

O brinquedo é a negação do mundo adulto, é a atividade que, sob a orientação do desejo, liberta a imaginação para criar um mundo que proporcione prazer. Mundo em contradição com a organização, dentro da qual se brinca. A alegria do jogo é a criatividade. Aquele que joga é senhor do jogo, tem poder sobre ele.

O brinquedo, assim como a magia revela a contradição, o desacordo com a realidade por um lado, e por outro, revela a presença da imaginação, também sem poder, mas que mantém-se ativa, a pulsar e proporcionar experiências de prazer que serão referenciais motivadores para que se mantenha viva no corpo a capacidade criativa.

#### C) Imaginação e utopia

A utopia é uma “visão” nascida da dor do corpo. Visão que subverte o sofrimento, oferecendo a ele um sentido a favor do futuro.

“Nas utopias vemos a lógica da criatividade alcançando o seu limite último. Pressupostos há muito mantidos têm de ser abandonados. Somente assim poderá o novo mundo começar”<sup>39</sup>.

A utopia, se aponta para a contradição, é também uma aposta, é a esperança de que o desejo saia da impotência e adquira poder para criar o NOVO.

### *Do corpo nasce a história e na história o corpo faz-se humano*

A cultura é o esforço de humanização do mundo. Para Rubem Alves, é transformação da ordem natural das coisas segundo a orientação do desejo. Liberdade humana que, interferindo na natureza, faz nascer a história. O mundo humano é realidade dinâmica porque é sempre precária, nunca satisfaz, justamente porque o desejo sempre permanece. Na sua relação com o mundo, o ser humano vai sempre experimentar a impotência. Isto é, por um lado, de fato, afirmação do limite, mas é também, por outro, condição de abertura. O corpo, na sua vocação humana estará sempre disposto à transcendência, sempre animado por novos desejos.

<sup>38</sup> ALVES, Rubem. *A Geração do Futuro*. p.79.

<sup>39</sup> *Ibidem*, p.123.

## *Desejo não é instinto, desejo é história*

É preciso ter claro, entretanto, que o desejo que expressa a insatisfação do corpo não é instintivo, também não é revelação de uma “essência humana”, o desejo, na perspectiva de R.Alves é cultural. As ausências que o corpo humano experimenta não são determinadas segundo o imperativo da natureza. DESEJO NÃO É INSTINTO. Desejo é atribuição de valor feita sobre percepção corporal de ausências. Essa percepção não é herança genética, mas fruto de experiência histórica. Se, por um lado, o autor afirma que do corpo desejante nasce a história, por outro lado, afirma também que o desejo acontece no corpo segundo o movimento da história e de maneira alguma, independente dela.

A suspensão da história impossibilita a emergência do desejo transformador. O desejo que provoca a imaginação só é criativo, isto é, só é humanizante se está encarnado numa história aberta ao futuro. A sociedade tecnológica, por exemplo, exhibe um poder capaz de suspender a história, de impossibilitar a emergência do novo. As contradições materiais geradas pelo sistema, causam o sofrimento do corpo, mas sufocam os desejos profundos de mudança que geralmente nascem no corpo durante esse processo, através da oferta de bens de consumo. Calam os desejos profundos, travestindo-os de desejos superficiais. Transformam a esperança de uma vida melhor em sanduíche de Mac Donalds, por exemplo (o slogan da campanha publicitária desta marca é “Gostoso como a vida deve ser”).

Todo o movimento do sistema acontece com o objetivo da automanutenção, movimento circular, voltado para si mesmo. Dentro dele não existe possibilidade de humanização, porque não existe espaço para a criatividade.

### *A emergência do desejo na história aberta ao novo*

A emergência do desejo que está na origem da realização do humano como ser criador, só é possível se a história estiver aberta ao novo. Isso só acontece através do processo de morte e ressurreição, processo que, como já foi dito, ultrapassa a lógica da causa e efeito.

Rubem Alves concebe a história como sendo marcada fundamentalmente pela certeza da presença da graça no mundo. O futuro não é consequência lógica do passado. Ele existe quando o sofrimento, a insatisfação, a impotência experimentados pelo corpo na relação com o mundo, são vencidos pela intuição de que a imaginação pode ser mais real do que o presente. Uma emoção aponta o ser humano para o futuro: a esperança.

Assim, não basta sofrer com a contradição do presente, nem simplesmente desejar, é preciso crer que o desejo terá poder. Esta crença, no entanto, é a esperança que se experimenta quando já se tem notícia de que um ato criativo já se fez história. Um evento criativo acontecido segundo a dinâmica da graça, misteriosamente, sem causa precedente. é, conforme o testemunho bíblico, no momento em que as aspirações dos sem-poder tornam-se realidade, que o novo irrompe. O evento criativo não pode ser provocado, só pode ser acolhido. É a experiência de estar diante do mistério do mundo, evento salvífico, capaz de manter viva a possibilidade de humanização, acontecido a partir de onde menos se espera<sup>40</sup>.

### *A possibilidade de liberdade no uso do poder*

Não existe vida do corpo se não há poder: “O fato é que somente os mortos fazem abstinência do poder”<sup>41</sup>.

Ora, o poder é coisa boa. Poder é vida. Sem poder, o corpo não se expressa. Poder para realizar um trabalho criativo, poder para se divertir, poder para saborear uma boa comida, para cantar, para dançar, para rir, para namorar a esposa que já nem se arruma mais para o marido.

<sup>40</sup> Essa visão de história, marcada pela fé cristã, está explícita apenas nas primeiras obras do autor, mas a questão da graça, do poder como dádiva, continua presente em todo o seu trabalho.

<sup>41</sup> Idem, *Variações sobre vida e morte*, p.56.

<sup>42</sup> Conforme discussão sobre o poder do amor e o amor ao poder, abordada no item 2.3.3. deste trabalho.

Para tudo isso, para viver com alegria, é preciso acreditar no poder. No entanto, poder é faca de dois gumes, força de morte e de vida, é experiência ambígua.. Com poder, o ser humano faz-se mais humano ou também, menos humano...<sup>42</sup>.

Tendo como referência a reflexão de Rubem Alves sobre a questão do poder, dizemos que a experiência do poder pode se dar em dois sentidos diferentes:

O primeiro sentido é do poder como conquista. Fruto de um auto-perceber-se como possuidor/possuidora de um poder que se desenvolve a partir de si mesmo. A capacidade de criar é tida como fruto do próprio esforço. Essa é a experiência do forte, daquele que acredita na auto-suficiência e não se importa em viver a solidariedade, ao contrário, cultiva o individualismo. É a experiência dos corpos que diante do desafio da vida põem a confiança em si mesmos e buscam a segurança, afirmando-se poderosos, dominadores, sua força cresce em função do enfraquecimento de outros. Mais poder terá aquele que mais submeter outro. O forte *ama o poder*.

Esse sentido do poder faz ignorar a condição humana de ser corporal, limitado, carente, insatisfeito... Pois ser limitado é precisar de outro.

O corpo, não se pode negar, é a presença do limite. A ignorância dessa realidade humana, faz dessa experiência do Ego, ilusão. Ilusão muitas vezes dolorosa, pois que é construída sobre o sofrimento do outro, do mundo e mesmo do próprio Deus que chora o destino do fraco.<sup>43</sup> Viver o poder como conquista é deixar-se seduzir pela serpente, acalentar a ilusão de "ser como Deus":

"Tão fácil. Estender a mão e comer o fruto mágico, onde quer que ele esteja:

no corpo dos fracos,  
no feitiço do ouro,  
no gume das armas,  
*no rigor do saber...*"<sup>44</sup>.

Outra é a experiência daquele que acredita no *poder do amor*. É experiência do fraco. Para aquele que não tem poder, o poder é dádiva, aperitivos de futuro, realidade que antecipa aquilo que o corpo deseja e que mantém viva a esperança:

"Mas há ocasiões em que os fracos se dão as mãos: milhões de bocas, milhões de mãos, milhões de corpos que marcham, milhões que desejam"<sup>45</sup>.

O poder do amor é uma experiência inesperada, surpreendente, que acontece de repente no processo de organização daqueles que não têm condições para viver, que lutam por moradia, saúde, trabalho, educação. Acontece quando se formam pequenos grupos, comunidades de pessoas que se apóiam no compromisso social e também quando surge uma liderança política do meio dos oprimidos, pessoa de quem ninguém espera muita coisa... Sem dinheiro, sem muito estudo, só por graça de Deus mesmo.

Isso acontece com o fraco, não por uma virtude especial, ou por que são "predestinados" a isso, mas por que lhes falta poder.

**A relação de poder é experimentada como graça.** Não é uma possibilidade de si mesmo, mas é um presente que, surpreendentemente, faz-se possível. É a experiência do pobre, daquele que vive mais radicalmente a precariedade da condição humana e num instante de milagre, é resgatado pelo poder, por pura graça torna-se criador. Como aconteceu com o pequeno grupo de escravos hebreus que enfrentou o Faraó egípcio, ou com o jovem Davi que enfrentou o soldado Goliath, ou ainda com as tantas mulheres estéreis que deram a luz como relatam os testemunhos bíblicos.

Essa experiência, ao contrário da anterior, é experiência que revela o ser humano fundamentalmente corporal. Ser que se sente desadaptado, insatisfeito e que na sua carência e no seu limite engendra o desejo. Imagina uma situação nova e ganha força da maneira mais surpreendente para fazer acontecer a transformação.

A condição humana de ser corporal e limitado não é o grande entrave do processo de humanização. Ela é a possibilidade da realização humana. O sentimento de onipotência é que é a grande dificuldade nesse processo.

<sup>43</sup> Cf. «Como nasceu a alegria» in: *Estórias para pequenos e grandes*.

<sup>44</sup> ALVES, Rubem. *Poesia, profecia, magia*. p.42.

Em vista desta reflexão sobre o poder, podemos concluir que a possibilidade de liberdade para criar está vinculada à experiência do **poder como amor. Força de aproximação.**

### *O corpo em relação*

O ser humano é ser em relação. O corpo humanizado mantém com a natureza uma relação de criação, com o outro uma relação de comunhão.

1. Em relação à natureza: ser senhor, senhora, filho, filha da terra

O corpo, diz R.Alves, é condição que possibilita o encontro do homem, da mulher com a natureza. Com o corpo e por causa dele podemos descobrir a natureza como lugar de alegria e felicidade:

“Através dos sentidos corporais, o ser humano é capaz de se deleitar na natureza. Descobre-se num jardim, num lugar de gozo estético. Um jardim é uma combinação de cores, formas, odores, movimentos, ritmos e sons.”<sup>46</sup>

Esse encontro que constitui a relação com a natureza não é, todavia, um encontro de adaptação, de domesticação<sup>47</sup>. O corpo humano, à diferença do corpo animal, não se adapta à natureza. O corpo animal é natural. Viver, para ele, é adaptar-se. O corpo humano, ao contrário, vive dividido. Viver é, para ele, criar cultura, recriar a sociedade, fazer história.

Na relação com a natureza, a condição humana, de corpo insatisfeito, desejante o faz, com a ajuda da imaginação, na história e com liberdade, senhor e filho da terra.

Ser livre, na relação com a natureza, é ser senhor. Não ser livre é estar submetido, ser escravo. O que está em jogo na relação é o poder que permeia o encontro do homem com o mundo. Poder, que é nesse caso, condição para o exercício da criatividade. Poder acolhido como dádiva, como presente.

A natureza é, nesta perspectiva, uma dádiva que deve ser acolhida e colocada em benefício da criatividade humana. Está a serviço da humanização. É oferecida ao corpo humano, para sua sobrevivência mas, também para sua realização, expressão, alegria. A vida, afirma R.Alves, “não se esgota no ato de comer, mas inclui os atos de rir, dançar, cantar, brincar”<sup>48</sup>.

O exercício de poder, presente na relação com a natureza, seguindo este caminho de reflexão, é humanizador quando acontece, em primeiro lugar, para garantir que o corpo possa expressar-se com liberdade. A necessidade da sobrevivência, a preocupação com o consumo e produção deve estar, numa estrutura de valores, em função do corpo que cria, que dança, que brinca, que deseja a vida em abundância.

Todavia, num mundo tão necessitado de uma “consciência ecológica”, há que se tomar cuidado com uma visão de pessoa humana que supõe poder e domínio do homem em relação à natureza.

Ter presente o ser humano concreto, fundamentalmente carne e osso, corporeidade, é por outro lado, considerar que, na relação com a natureza, o homem, a mulher experimentam uma relação de solidariedade. Estando atentos à sua corporeidade, homem e mulher se descobrem “filho, filha da terra”. Isto significa que o corpo necessita do intercâmbio com a natureza para permanecer vivo, o corpo é também natureza. Neste sentido, se por um lado o ser humano é chamado a ser “senhor” em sua relação com a natureza, por outro, ele é também chamado a reconhecê-la como mãe. Assim sendo, o encontro com a natureza torna a vida mais abundante na medida em que não é submissão do homem (domesticação/adaptação), nem submissão da natureza.

Em seu corpo, o ser humano pode experimentar a natureza como dádiva, como algo que lhe é oferecido e o estimula, o convida a exercer sua capacidade criativa, a expressar-se. Ser senhor de um presente que é a condição para sua própria humanização. Acolher a natureza é ter mais vida, submeter a natureza é morrer.

<sup>45</sup> Idem, *Variações sobre vida e morte*, p.66.

<sup>46</sup> Ibidem, p.202.

<sup>47</sup> O tema da domesticação encontramos discutido por esse autor de maneira muito interessante numa história infantil: *O Pato que não aprendeu a voar*.

<sup>48</sup> Ibidem, p.177.

A humanização, nessa perspectiva, é superação do medo que pode se instaurar na relação entre o ser humano e a natureza, medo que muitas vezes desencadeia uma relação de dominação destrutiva por parte do homem.

Uma concepção antropológica que supervaloriza a razão e desvaloriza o corpo, também faz acreditar no “desenvolvimento humano” apoiado na destruição da natureza.

Assim, a emoção, a sensualidade têm um sentido afirmativo, um gosto de bondade. Diferente do que fez crer o racionalismo que propõe desconfiança e medo em relação àquilo que é experiência do corpo.

Pelo corpo o ser humano descobre a delícia do toque da brisa, o calor do sol, a beleza das flores, o frescor das árvores e da água... Experiências gratuitas, prazer oferecido como presente por outro. Com o corpo, o ser humano é capaz de se relacionar com a natureza através de uma relação de acolhimento.

E é ainda pelo corpo que o homem descobre que não é bom estar só! O corpo conduz ao outro.

## 1. EM RELAÇÃO AO OUTRO: COMUNHÃO

A relação com o outro não acontece independente do corpo e por isso a sexualidade é dimensão determinante nessa relação. Não existe aproximação que não seja conduzida segundo o impulso inicial de eros. A sexualidade está na base da relação entre os seres humanos, fundamenta a possibilidade de aproximação<sup>49</sup>.

É dito pela psicanálise que, desde os tempos de recém-nascido, o ser humano experimenta desejos parciais relacionados com suas necessidades (alimentação, proteção, higiene...). Esses desejos parciais estão ligados a sen-

sações de prazer ou desprazer que se articulam com o desejo genital que, no menino, possui uma dinâmica centrífuga, corresponde ao movimento de penetração em relação ao objeto desejado e na menina, possui uma dinâmica centrípeta, movimento de atração, sedução, desejo de ser penetrada, tornar-se fecunda<sup>50</sup>. Isso significa que mesmo os primeiros vínculos entre as pessoas, os vínculos familiares que ocupam ao longo do desenvolvimento da personalidade, o lugar do aprendizado do amor casto, é, antes da vivência do Complexo de Édipo, pulsão erótica.

Antes da resolução edípiana, o bebê experimenta um corpo-a-corpo de características eróticas com a mãe, primeiro objeto de desejo<sup>51</sup>.

No aprofundamento da relação, sobrevêm as sucessivas separações e a criança, já tendo a percepção do próprio corpo, experimenta o desejo do reencontro. O bebê deseja o corpo-a-corpo para satisfazer seus desejos parciais e de linguagem. Objetos mediadores não são suficientes para suprir a presença do ser amado. Intensifica-se, por isso, a necessidade de trocas corporais e lingüísticas. Toda essa dinâmica é marcada por um sentido fundamentalmente erótico.

Mais tarde, após a resolução edípiana, ocorre uma transformação na maneira de viver a relação com o outro. A interdição das relações eróticas, imposta pela natureza das relações familiares, necessariamente castas, oferece à criança a possibilidade de viver relações de maneira diferenciada<sup>52</sup>, viver a aproximação do outro sem buscar satisfação sexual. A superação dos conflitos que se formam em torno da relação triangular pai-mãe-filho(a), fará com que a criança conquiste a liberdade de experimentar também o amor que busca a satisfação, gozo sexual e capacidade procriadora, fora do círculo familiar, em abertura para a vida social.

<sup>49</sup> Abrimos aqui um parêntese para algumas referências colocadas pela psicanálise e que vêm de encontro à afirmação acima. Queremos, todavia, esclarecer que os elementos aqui apresentados não são fruto de exaustiva pesquisa dentro do grande leque que compõe a psicanálise. São apenas notas a partir de ensaios da psicalista francesa Françoise Dolto, publicados em 1984 com o título em português «No jogo do desejo».

<sup>50</sup> DOLTO, Françoise. Amância e Amor. In: *No jogo do desejo*. p. 260-261.

<sup>51</sup> Auto valorização necessária à afirmação da personalidade.

<sup>52</sup> A palavra castidade é, nesse ponto, usada conforme a compreende a autora do artigo citado em nota de rodapé n.27, isto é, a partir da psicanálise e não da teologia.

Há que se destacar que é ao longo de todo esse processo de elaboração das pulsões eróticas que tem lugar, pela sublimação, a criatividade e o desenvolvimento da linguagem. Repetimos aqui então que a sexualidade é determinante na relação com o outro.

### *De eros ao ágape*

É Rubem Alves quem afirma que, "O ser humano não é primeiramente atraído pelo *ágape*, ou seja, pelo amor ao outro, independentemente do que o outro seja. É Eros quem conduz o homem para a mulher e a mulher para o homem. Masculinidade e feminilidade: este fato faz parte da bondade da criação e constitui uma realidade que condiciona e torna necessário o sentido erótico da vida"<sup>53</sup>.

A relação com o outro na experiência humana, cujo momento mais original é marcado pela sexualidade, não se reduz, no entanto, ao sentido genital. A vocação à liberdade<sup>54</sup>, presente na experiência humana, atua na relação com o outro assim como na relação com a natureza. O corpo humano, por ser livre, não está necessariamente submetido às leis naturais que regem o encontro entre macho e fêmea. Da atração sexual entre homem e mulher, a liberdade faz amor.

O corpo-natureza que se aproxima do outro com força e ímpeto, com fogo que toma conta, mas que se esgota depois dos jogos sexuais, é também corpo-história capaz também de viver, por outro lado, uma relação suave e tranqüila, duradoura, amar.

O segredo da durabilidade do amor humano está na capacidade de falar e ouvir. Com a boca e o ouvido tecemos fios que nos unem ao outro. A experiência do amor é aquela que se vive quando a relação entre os corpos ganha a força da palavra.

<sup>53</sup> ALVES, Rubem. *Da Esperança*. p. 201.

<sup>54</sup> A vocação à liberdade é, para R.Alves, uma atitude de protesto diante das forças domesticadoras que agem no sentido de promover a adaptação às estruturas estabelecidas, forças que procuram fechar as possibilidades para o novo, para o futuro. (Cf. *Da Esperança*, cap.II).

Homem e mulher, por obra da palavra tornam-se masculino e feminino, ultrapassam os limites da natureza quando se deixam penetrar pela fala do outro ou quando buscam o outro com sua própria fala. A palavra proferida a partir do corpo comprometido com a liberdade e encarnado na história, com seu sopro suave, reascende a chama do amor: "Não há orgasmo que ponha fim ao desejo"<sup>55</sup>.

A relação humana, marcada pela linguagem, não se restringe à experiência do casal, faz transbordar, cria comunidade.

### *Viver em comunhão, criar comunidade*

A palavra vivida como linguagem, realiza a magia dessa passagem da relação, que se estabelece entre homem e mulher, impulsionados por Eros, para uma experiência mais larga que é a formação da comunidade, onde os laços de união são mantidos por ágape. Na verdade, a linguagem é a experiência da história.

Para entender melhor essa passagem, é preciso um instante de reflexão sobre o significado da palavra ou o papel da linguagem nas relações humanas. Com esse objetivo, destacamos aqui algumas referências antropológicas relativas à linguagem.

### *A linguagem como ferramenta na luta pela sobrevivência*

O organismo humano é aberto. Não existe relação causal entre o corpo humano e a atividade humana. Prova disso é a diversidade de cosmovisões que os grupos humanos produzem, as variadas estruturas de valores que fazem parte da experiência de seres humanos cuja definição biológica é a mesma.

Existe então, um espaço entre corpo humano e a atividade humana, um vazio que é, na verdade, exigência para a criação de técnicas de sobrevivência. O corpo humano deve inventar maneiras para tornar sua ação pela sobre-

<sup>55</sup> *Ibidem*, p.25.

vivência mais eficaz. É aí que entra a sociedade. A vida social é ação conjugada dos grupos, possível por causa da linguagem. Ela, a linguagem, é memória coletiva que possibilita a ação conjugada em continuidade temporal.

### *A linguagem como organização do real*

A luta pela sobrevivência não é, para o homem esforço de adaptação, mas luta por tornar a realidade humana. Organizar o mundo que o interpela, construindo, com a ajuda da linguagem, estruturas significativas.

A ação do homem não é instintiva, não é como já foi dito, consequência de condicionamentos genéticos. É ação orientada por valores estabelecidos na relação com o mundo. Valores que são respostas à pergunta mais fundamental: Qual é o significado do mundo para a vida humana?

O valor, enquanto atitude em relação ao mundo, é fundamentalmente marcado pela emoção. Experiência de dor e prazer, de aproximação ou afastamento. A realidade para o humano é promessa de vida ou ameaça de morte. O mundo, não é, em primeira instância, um conjunto de enigmas para serem decifrados racionalmente. É, antes de tudo, lugar de experiências emocionais traduzidas em valores que estão relacionados com o problema humano vital, que é a sobrevivência. Assim, a palavra também não é, em primeiro lugar, instrumento da razão, mas expressão de experiências vividas pelo corpo.

A palavra, nesse contexto, é parte do esforço de estabelecer relação e criar valor, é ferramenta humana usada para tornar a realidade significativa:

“Ao dar nome a alguma coisa o homem está dizendo o que ela significa para ele: como se relaciona com ela, e como a vê em relação a si mesmo. Dar nome é atribuir significação. É um ato de organização do mundo em relação a mim”<sup>56</sup>.

Valores, no entanto, não se limitam a experiências individuais. Valores são compartilháveis. A situação material em que se inscreve a existência dos grupos humanos, tornam-se significativas na medida em que existe uma lingua-

gem que interprete como valor esta realidade. Tal linguagem se constituir-se-á na base para a organização da ação desses mesmos grupos<sup>57</sup>. Isto explicita o que foi dito no item anterior: é através da linguagem que os grupos humanos organizam para si um mundo onde sua ação possa ser conjugada e eficaz.

A linguagem, nesse sentido, é relação. Não se situa exclusivamente na esfera objetiva, nem exclusivamente na esfera subjetiva. A palavra não está no sujeito que fala e nem nos objetos a que correspondem. Ela é, originalmente, forma de expressão das emoções mais fundamentais que compõe a estrutura de valores, construída pelos grupos humanos, no esforço de organizar o real, para que a vida se mantenha.

### *O poder da palavra*

O mundo humano é forjado com o poder da linguagem. O corpo do homem não contém o saber que os grupos vão adquirindo na sua relação com o mundo.

Esse saber só se preserva graças à capacidade humana de falar. E não só se preserva, como acaba por determinar a maneira do ser humano relacionar-se com o mundo. Se o corpo cria a sociedade através da linguagem, ao mesmo tempo, sociedade e linguagem determinam a vida do corpo.

A cultura, tecida com os fios da linguagem, tem na sua origem a luta pela satisfação das necessidades primárias do corpo, acaba por transformar estas mesmas necessidades. As reações do homem em sociedade não são mais fundamentalmente instintivas, ao contrário, a experiência é de um contínuo esforço de negação dos imperativos imediatos do corpo.

“Os impulsos sexuais, os gostos alimentares, a sensibilidade olfativa, o ritmo biológico de acordar/adormecer deixaram há muito de ser expressões naturais do corpo porque o corpo, ele mesmo, foi transformado de entidade da natureza em criação da cultura”<sup>58</sup>.

<sup>57</sup> ALVES, Rubem. *O suspiro dos oprimidos*. p. 29-30.

<sup>58</sup> Idem, *O que é religião*. p.18.

<sup>56</sup> Ibidem, p.27 e 28.

Na verdade, essa realidade cultural, experiência humana que transforma a vida natural em história, vai mostrar que o humano experimenta um vazio que é maior que as necessidades naturais. Que não se satisfaz com as possibilidades que inventa para resolver o problema da subsistência. O vazio humano passa pela esfera do sentido. O desejo do corpo, mergulhado na história, passa a ser a visão de um mundo que faça sentido, que seja um espaço amigo, um lar<sup>59</sup>. Isto significa algo mais do que melhores condições de sobrevivência. Não é só a quantidade de comida ou o valor nutritivo dela que importa, bom é que a comida seja saborosa, que a roupa seja bela, que o riso seja possível, que o sexo seja vivido com prazer... E o sabor, a beleza, a graça e o prazer não estão na natureza, mas na relação com a mesma já mediada pela experiência cultural e histórica que é fundamentalmente a experiência da linguagem<sup>60</sup>.

### *Palavra e desejo*

A palavra é a possibilidade dada ao homem, à mulher, de trazer à tona seu mais profundo desejo. Com palavras, ele transforma esse vazio em esperança, forja uma visão de mundo, faz projeto. Podemos falar então de PALAVRA-DESEJO. Palavra que não é mais instrumento, meio, utensílio para se chegar a determinado fim. A PALAVRA-DESEJO é expressão de experiências fundamentais, experiências que são também projeto de vida, motivos para viver e morrer<sup>61</sup>.

<sup>59</sup> Ibidem, p.20.

<sup>60</sup> Ernest Cassier, em sua obra *Antropologia Filosófica*, citada muitas vezes por Rubem Alves, quer mostrar que a experiência que está na raiz da humanização é o fato do ser humano ser simbólico. A sua forma de comunicação, a linguagem, localiza-se na esfera do sentido. A palavra humana não é simplesmente um conjunto de sinais com o objetivo de ativar e fazer funcionar uma inteligência prática, como aconteceu com alguns animais. A palavra, ao designar algo, está dizendo do sentido, está incluindo esta coisa dentro de um universo significativo, está expressando uma relação. O homem tem uma inteligência simbólica.

<sup>61</sup> ALVES, Rubem. *O Poeta, o Guerreiro, o Profeta*. Nesta obra mais recente, nosso autor vai trabalhar sobre o tema da linguagem, especialmente nessa perspectiva de PALAVRA-DESEJO.

E é a partilha desta PALAVRA-DESEJO que alarga a relação com o outro, que possibilita criar laços de comunhão, que faz nascer comunidade.

## VI. A EXPERIÊNCIA DE DEUS

Deus não é um conceito, um objeto de conhecimento. É fundamentalmente uma experiência. "Deus, para falar de si, tornou-se homem"<sup>62</sup>, afirma R.Alves. Neste sentido, falar da transcendência implica considerar as condições materiais em que acontece a vida humana: "Deus é encontrado em meio às coisas que ele dá ao homem"<sup>63</sup>. Implica em falar sobre o bem que Ele faz ao nosso corpo.

Jesus Cristo, Deus feito homem, fala do Pai, falando das coisas deste mundo, do nosso mundo, dos nossos corpos. Corpos de homens doentes, de mulheres estéreis, de velhos sábios, de crianças que todos temos de ser. Fala desse corpo que existe como corpo desejante, peregrino em busca daquilo que lhe proporcione alegria, em busca de uma maneira de viver, de uma ordem que seja diferente, em busca do Reino de Deus. Corpo eternamente insatisfeito, repleto de ausências, nostalgias e por isso sempre grávido, aguardando o nascimento do novo.

### *O corpo possui funduras*

O corpo possui funduras onde mora sua verdade, não é um espelho que colocado diante da realidade, é um lago, para além da superfície existe um mundo de imagens, de palavras selvagens que revelam a verdade do ser.

É a psicanálise e são os poetas as testemunhas desse mundo desconhecido, diz R.Alves: A psicanálise descobriu que o corpo fala línguas ininteligíveis e que "a verdade vive no avesso daquilo que é conhecido com familiaridade.(...) A verdade mora no silêncio que existe em volta das palavras"<sup>64</sup>. Para

<sup>62</sup> Ibidem, p.26.

<sup>63</sup> ALVES, Rubem. *Da Esperança*. p. 205.

<sup>64</sup> Idem, *O Poeta, o Guerreiro, o Profeta*. p. 32.

a psicanálise, a verdade do corpo é inconsciente. Os poetas trazem à tona a palavra que nasce do silêncio que existe entre as palavras cotidianas. Evocam a profundidade, dizem sem dizer. Não explicam, mas revelam. Na profundidade onde os poetas mergulham, lugar da verdade do corpo estão palavras que são como pássaros selvagens, não podem ser capturadas, nem engaioladas. Palavras em fuga porque vêm do lugar do mistério.

### *Profundidade: lugar do desejo mais fundamental*

Nas *funduras* do corpo jaz adormecido o desejo mais profundo. Desejo de Paraíso. Em cada ser mora a saudade do Paraíso Perdido: o rosto materno de Deus prometido, experimentado como aperitivo. No fundo de cada um mora uma experiência de graça original, de acolhimento, de afirmação da existência. Do encontro mítico, primordial com alguém que um dia disse: É bom que você exista! E a célula se fez embrião, ganhou um útero e se fez corpo. O Princípio e Fundamento de todas as coisas é a vida, vida plena, vida para todos, vida em abundância<sup>65</sup>.

O desejo profundo, motivo da alegria definitiva, verdade do corpo, está adormecido. Aquilo que falta fundamentalmente não nos é oferecido, nem pode ser alcançado e explicado pela razão, não é um objeto a ser conhecido. O desejo mais profundo é uma revelação, é uma emoção que navega em águas profundas. O desejo profundo, segundo R.Alves, é inconsciente. Viver é esta luta constante em busca de um desejo que mora na profundidade.

### *O encontro do desejo fundamental supõe a abertura de um grande vazio*

Nos momentos de grande impotência, abre-se um vazio. Vazio que é pobreza. Vazio que é silêncio.

Ser pobre é não contar com o próprio poder para fazer realizar os desejos. É ser mendicante: ter de pedir, precisar, carecer. Na pobreza se experimenta o limite, verdade da condição humana. “Nunca seremos como

deuses!” Na pobreza tem-se a clareza de que a serpente mentiu à Eva. No entanto, esse vazio purifica, pois faz o corpo agarrar-se no que é mais fundamental, buscar o que é mais importante; *abrir-se*.

Vazio é também silêncio. As muitas palavras cotidianas, palavras-razão, instrumentos que sustentam e explicam o dia-a-dia, muitas vezes fazem calar a Palavra que contém a nossa verdade. Cobrem como roupa, escondem a nudez. Funcionam como proteção contra essa Palavra selvagem que não pode ser enquadrada, sobre a qual não temos controle. As palavras cotidianas não dão espaço para a imaginação nem para o sonho que são as formas de expressão que revelam o desejo profundo. Diante do vazio-silêncio, os corpos recuperam o desejo adormecido e passam a sonhar, libertam as palavras que falam a verdade, olham para a própria nudez sem vergonha, sem proteção, com as mãos vazias de desejos e ansiedades por vantagens substitutivas, dispõem-se para a experiência da graça.

### *O encontro com Deus*

Na pobreza e no silêncio, vem à tona o desejo mais profundo. É o momento do encontro. Deus é o e-Vento que sopra do futuro e vem de encontro ao Desejo mais profundo, desejo que se nos revela na ausência de todo o poder, na mais profunda impotência. No esvaziamento total a vida se afirma: “Bem-aventurados os pobres!”(Mt 5). Ele vem de encontro a esse desejo de maneira misteriosa, surpreendente... Aquilo que o corpo quer, acontece de forma inesperada, é o abraço de outra liberdade que o alcança e o liberta, revelando do desejo mais profundo. Esse é o bem que acontece com o corpo, prazer, alegria, consolação.

“Lá, sob os reflexos que moram na superfície do lago,  
lá onde as idéias claras e distintas nos abandonam,  
lá onde o nosso olhar é submarino,  
o Espírito dita a palavra misteriosa.

E Deus, a despeito do nosso esquecimento, ‘sabe o que está sendo dito na linguagem que nós mesmos não entendemos’.

<sup>65</sup> Jo 10,10.

E nossa verdade mora além do nosso conhecimento. Ela mora em nossos sonhos. (...)”<sup>66</sup>.

Deus é a certeza da realização do desejo mais profundo do corpo, desejo original nascido de dentro das condições históricas em que se desenvolve a vida humana, Deus é promessa de felicidade para o corpo e por isso mesmo é que, segundo Rubem Alves, “(...) de Deus, o único que podemos saber é o bem que faz ao nosso corpo”.

## VII. A TÍTULO DE CONCLUSÃO, MAS QUERENDO ABRIR UMA DISCUSSÃO...

O Concílio Vaticano II define a espiritualidade do leigo segundo três elementos importantes: O primeiro diz respeito ao culto - “Esta vida íntima de união com Cristo na Igreja alimenta-se por meios espirituais, comuns a todos os fiéis, principalmente pela **participação ativa na sagrada liturgia**”<sup>67</sup>. O segundo diz respeito à Palavra - “**Só pela luz da fé e meditação da palavra** de Deus pode alguém, sempre e por toda a parte, divisar Deus em quem ‘vivemos e nos movemos e somos’, procurar em todo acontecimento sua vontade...”<sup>68</sup>. E o terceiro diz respeito ao amor - “**A caridade de Deus** por sua vez, ‘difundida que está em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado’, torna os leigos capazes de exprimirem de fato em sua vida, o espírito das bem-aventuranças”<sup>69</sup>.

A Exortação Apostólica de João Paulo II *Christifideles Laici*, considera os mesmos elementos, acrescentando a prática da oração individual, familiar e comunitária, a referência às bem-aventuranças e à fome e sede de justiça no que diz respeito à prática da caridade.

<sup>66</sup> ALVES, Rubem. *O poeta, o Guerreiro, o Profeta*. p.36-37.

<sup>67</sup> VAT.II, *Apostolicam Actiositatem*, 1340.

<sup>68</sup> *Ibidem*, p. 1341.

<sup>69</sup> *Ibidem*, p. 1342.

Considerando o que está colocado pelo magistério da Igreja, procuramos estabelecer algumas referências no sentido de ajudar a aprofundar uma experiência espiritual encarnada:

1. “Pela luz da fé e meditação da Palavra, **procurar a vontade de Deus...**”<sup>70</sup>.

· Meditar a Palavra para encontrar a Vontade de Deus na vida. Aquietar-se, rezar ao Deus que está no segredo. No segredo, Deus se revela como Pai, fazendo que vejamos Jesus Cristo. A pessoa, as palavras, as ações Dele ensinam a ser também filho/filha. A partir de Mateus aprendemos da fala do Filho:

“Entra no teu quarto  
fecha a porta para que outros não vejam  
que a oração não seja tentação de auto-valorização.  
Tranca a porta também para não querer fugir  
do vazio que o silêncio abre  
ora ao Pai que está no segredo  
lugar daquilo que não é óbvio, evidente, aparente  
lugar onde à luz da Palavra, a Vida ganha sentido.”

(paráfrase de Mt 6,5-6)

· “Cair na conta”, tomar consciência e saborear a alegria da revelação -consolação. Essa é a alegria que se experimenta quando se ouve e se vê o que Deus faz na vida de cada um porque o que dizemos de Deus é o bem que faz ao nosso corpo:

Na oração, mais sabor que saber  
“Felizes os vossos olhos, porque vêem,  
e os ouvidos, porque ouvem” (Mt 13, 16).

<sup>70</sup> Conf. Vat.II, *Apostolicam Actiositatem*, 1341. Essa reflexão sobre a escuta da Palavra tem como referência anotações de Curso com tema “Mistagogia dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio - a experiência de Deus”, ministrada por Ulpiano Vazquez.

· Contemplar a Palavra para conhecer e participar do Desejo de Deus. Voltar-se para o mundo e assumi-lo como tarefa, libertar e desenvolver suas energias latentes<sup>71</sup>.

Deus-Pai lança em missão,  
como criatura criadora,  
mistério da encarnação!  
Feito corpo em história  
faz humano o Filho  
faz Filho/Filha, o humano.

## 2. "Participar ativamente da Sagrada Liturgia..."<sup>72</sup>.

· Viver a liturgia como celebração da graça de Deus que faz o humano ser de poder, criatura criadora no mundo, experimentar o poder como servo inútil que faz o que pode, sabendo que todo o poder é de Deus. Ser oferente, ser livre:

*Liberdade,  
poder recebido como graça.  
Amor ao Deus do céu,  
que faz voar*

· Vivê-la na dialética da encarnação-transcendência.

*Ser rei,  
senhor, dono, possuir tudo.  
Ser sacerdote,  
ofertar tudo, não possuir nada.  
Ser profeta,  
viver o distanciamento crítico,  
condição de contínuo discernimento.*

<sup>71</sup> BRITO, Ênio J. C. *O leigo cristão no mundo e na Igreja*, p.100-102.

<sup>72</sup> Cf. Vat.II, *Apostolicam Actiositatem*, 1340.

<sup>73</sup> Cf. VAT.II, *Apostolicam Actiositatem*, 1342.

3. "A **caridade** torna os leigos capazes de exprimirem na vida o espírito das bem-aventuranças"<sup>73</sup>.

· Viver a caridade, o amor como opção pelo mais pobre. Compreender o sofrimento dentro da dinâmica da morte e ressurreição. Viver o sacrifício que implica na busca do que é mais essencial, aceitar sofrer por aquilo que trará maior felicidade.

*Deus é Aquele que revela beleza  
mesmo quando e onde o olho não pode enxergar:  
Prazer e alegria escondidos  
onde a vida é mais maltratada.*

*Na ausência de todo o poder,  
na mais profunda impotência,  
no esvaziamento total,*

*a vida se afirma:  
Felizes os homens pobres  
porque conhecerão a abundância.  
Felizes as mulheres estéreis  
porque sentirão a alegria da maternidade.  
Felizes as crianças  
porque quem não se tornar criança  
não verá o Reino dos céus!*

4. A vida segundo o Espírito, exige o seguimento e imitação de Jesus Cristo na oração individual, familiar e comunitária<sup>74</sup>.

· Rezar em comunidade, sentir junto com a Igreja, sonhar o sonho de muitos. Estabelecer laços em torno de um único Projeto, O REINO.

Esses elementos pretendem ser contribuição para a discussão, para a busca de uma experiência de Deus que seja força de vida para o cristão, a cristã, que estão enfrentando os desafios da modernidade, da pós-modernidade: globalização, informática, crise ecológica...

<sup>74</sup> JOÃO PAULO II, *op.cit.*, p.40.

Neste sentido, a esperança é de que a reflexão nos leve a uma espiritualidade que seja força de vida, de mais vida, de vida em plenitude, de vida em alegria!

### VIII. BIBLIOGRAFIA

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Porto: Apostolado da Imprensa, 1981. (Livro VII, 17).

ALVES, Rubem. *Da Esperança*. Traduzido do inglês por João Francisco Duarte Jr.. Campinas, SP: Papirus, 1987.

\_\_\_\_\_ - *O Enigma da Religião*. 4. ed. Campinas, SP: Papirus, 1988.

\_\_\_\_\_ - *Filosofia da Ciência - Introdução ao jogo e suas regras*. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

\_\_\_\_\_ - *O que é Religião*. São Paulo: Abril Cultural Brasiliense, 1984.

\_\_\_\_\_ - *A Ressurreição do Corpo*. Rio de Janeiro: CEDI, 1982.

\_\_\_\_\_ - *Variações sobre Vida e Morte*. São Paulo: Paulinas, 1982.

\_\_\_\_\_ - *Poesia Profecia Magia*. Rio de Janeiro: CEDI, 1983.

\_\_\_\_\_ - *O Suspiro dos Oprimidos*. São Paulo: Paulinas, 1984.

\_\_\_\_\_ - *Pai Nosso - meditações*. São Paulo: CEDI/Paulinas, 1987.

\_\_\_\_\_ - *Tempus Fugit*. São Paulo: Paulinas, 1990.

\_\_\_\_\_ - *O Poeta, o Guerreiro, o Profeta*. Petrópolis: Vozes, 1993.

\_\_\_\_\_ - *A Planície e o Abismo*. São Paulo: Paulinas, 1991

\_\_\_\_\_ - *O retorno eterno...* Campinas, SP: Papirus, 1992.

\_\_\_\_\_ - *Teologia do Cotidiano*. São Paulo: Olho D'Água, 1994.

\_\_\_\_\_ - *A alegria de Ensinar*. São Paulo: Ars Poética, 1994.

\_\_\_\_\_ - *O quarto do mistério*. Campinas, SP: Papirus, 1995.

\_\_\_\_\_ - *Sobre o tempo e a eternidade*. Campinas, SP: Papirus, 1996.

\_\_\_\_\_ - *A festa de Maria*. Campinas, SP: Papirus, 1996.

BIRCHAL, Telma de S. Nota Bibliográfica: Feuerback revisitado. *Revista Síntese*, v. 16, nº 47, set/dez. 1989.

BOFF, Leonardo. *Ecologia, mundialização, espiritualidade*. São Paulo: Ática, 1993.

\_\_\_\_\_ - *O destino do homem no mundo*. Petrópolis: Vozes, 1982.

BRITO, Ênio José da Costa. *O Leigo Cristão no Mundo e na Igreja*. São Paulo: Loyola, 1980.

CASSIER, Ernest. *Antropologia Filosófica*. São Paulo: Mestre Jou, s.d.

CNBB. *Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja do Brasil (1995-1998)*. São Paulo: Paulinas, 1995.

\_\_\_\_\_ - *Os Leigos na Igreja e no Mundo. Vinte anos depois do Vaticano II*. São Paulo: Paulinas, 1987 (Estudos da CNBB 47)

CNL - Conselho Nacional dos Leigos. *Carta de Princípios. Aprovada na X Assembléia Geral*, 1991.

CNL. *Leigo - Presença, Compromisso, Participação: Igreja e Mundo*. São Paulo: Loyola, 1987. (Cadernos CNL, 1)

\_\_\_\_\_ - *Sínodo: Da Preparação ao Acontecimento*. São Paulo: Loyola, 1989. (Cadernos CNL, 2)

\_\_\_\_\_ - *Sínodo: Intervenções e Reflexões*. São Paulo: Loyola, 1989. (Cadernos CNL, 3)

COMBLIN José. *Antropologia Cristã*. Petrópolis: Vozes, 1985.

DOLTO, Françoise. *No jogo do desejo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.

DUSSEL Enrique. *El humanismo semita*. Buenos Aires: Universitária, 1964;

\_\_\_\_\_ - *El dualismo en la antropologia de la cristandad*. Buenos Aires: Guadalupe, 1974;

\_\_\_\_\_ - *El humanismo helênico*. Buenos Aires: Universitária, 1975.

\_\_\_\_\_ - *Para uma ética da libertação latino-americana*. São Paulo: Unimep-Loyola, s/d/

EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. *A Evangelização no Presente e no Futuro da América Latina - III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano*. Petrópolis: Vozes, 1982.

EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. *Nova Evangelização, Promoção Humana e Cultura Cristã - Conclusões da IV Conferência do Episcopado Latino-Americano em Santo Domingo*. São Paulo: Paulinas, 1992.

JOÃO PAULO II. *Vocação e Missão dos Leigos na Igreja e no Mundo*. Exortação Apostólica de João Paulo II Christifideles Laici. 6 ed. São Paulo: Paulinas, 1990.

RUBIO, Garcia. *Unidade na Pluralidade*. São Paulo: Paulinas, 1989.

SÍNODO DOS BISPOS. *Vocação e Missão dos Leigos na Igreja e no Mundo Vinte anos depois do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulinas, 1987.

VATICANO II. *Documentos do Vaticano II. Constituições, Decretos e Declarações*. 15 ed.. Petrópolis: Vozes, 1982.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. *Antropologia Filosófica*. São Paulo: Loyola, 1991. v. 1-2.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. Amor e Conhecimento - Sobre a ascensão dialéctica no "Banquete". *Revista Portuguesa de Filosofia*, Braga, jul-Set. 1956, p. 225-242.

VV.AA., *Somos Gente Nova - Antropologia Teológica*. São Paulo: ITEBRA, 1993.

Ceci M. C. Baptista Mariani é Mestra em Teologia Dogmática pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, São Paulo.

## OS MOVIMENTOS NA IGREJA

Pe. Dr. Alfeu Piso

Meu caro amigo, Quicumque

Paz!

Você me pediu um parecer sobre os chamados movimentos religiosos. Seria muito pretensioso querer dar um parecer sobre todos os movimentos religiosos existentes no assim chamado *fenômeno religioso* deste fim de milênio. E, mesmo se a gente se restringir ao eclesial, mesmo assim seria ainda pretensioso querer falar de todos os movimentos pastorais e de espiritualidade que habitam a Igreja e as Igrejas.

Você me pediu um parecer. Pois bem, supondo que um parecer ainda seja uma palavra provisória e concreta e não muito exigente... supondo que um parecer se dá a partir de experiências... supondo ainda que um parecer envolve uma visão subjetiva... e, supondo que o subjetivo não seja puro, mas influenciado pelo ouvir dizer, pelo ver, pelo conviver etc.

Então, deixemos claro que se trata de um parecer. Um parecer formado com muitos pareceres. Parecer dos afeiçoados e parecer dos desconfiados, dos que amam e acreditam e dos que toleram e se ajustam o mais possível; parecer dos que se aproximam ingenuamente e dos que se aproximam criticamente, dos oportunistas que se utilizam de, e dos prudentes que analisam; parecer dos que se solidarizam e dos que se opõem.

Onde me coloco pessoalmente? Em primeiro lugar, na posição de quem quer fazer um balanço dos pareceres, com todo direito a um parecer próprio, direito que me foi dado pelo meu envolvimento no fenômeno. Onde foram colhidos os pareceres? Certamente não foi nos discursos públicos e oficiais, pois, estes, normalmente, são mais prudentes, quando não, tímidos, ou, de conveniência, ou, até chegam tarde demais, em determinados casos. Em determinados casos, principalmente nas coisas mais conservadoras, vistas com mais benevolência e com mais tom de espera do que as coisas de vanguarda e de fronteira. As coisas aparecem mais corajosas nos discursos particulares,